



**BALINT, Adina. *Imaginaires et représentations littéraires de la mobilité*. New York: Peter Lang, 2020. 228 p. ePub. ISBN 978-1-4331-7621-0**

Zilá Bernd

Universidade La Salle (Unilasalle), Canoas, Rio Grande do Sul / Brasil

CNPq

zilabster@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-2546-6099>

Adina Balint é professora associada da Universidade de Winnipeg, na província canadense de Manitoba. Seu interesse pelo tema dos deslocamentos e das mobilidades culturais tem sua origem em seu próprio percurso individual, pois, nascida em Budapest, transfere-se para Ottawa, onde finaliza seus estudos, migrando depois para Winnipeg, onde assume o posto de professora e pesquisadora na área das literaturas em língua francesa do Manitoba (região de Saint Boniface), do Quebec e da França.

A professora estuda a questão das Mobilidades Culturais como criação, apresentando uma revisão geral do conceito e seus desdobramentos como o multiculturalismo, o interculturalismo e os transculturalismos. A obra representa, a meu ver, um documento incontornável para os interessados nos estudos literários e culturais, tendo por foco os trânsitos, as migrações, os deslocamentos, os nomadismos de toda ordem e seus impactos no panorama cultural das diferentes nações. O livro revela uma grande erudição, elencando desde os pioneiros nos estudos transculturais, como o cubano Fernando Ortiz, passando por Régine Robin, Simon Harel, Pierre Ouellet, Patrick Imbert, Walter Moser e François Paré, sem deixar de lado os menos citados, mas nem por isso menos importantes como Hédi Bouraoui, radicado no Canadá e autor de *Transpoétique: Éloge du nomadisme*, de 2005.

A pesquisadora aborda as Mobilidades como processo inacabado e inacabável, com grande impacto nos personagens, tendo por base

filosófica diversos estudos de Deleuze e Guattari, com ênfase para os conceitos de re/desterritorialização, os trabalhos sobre nomadismo de Rose Braidotti e os sobre “mobility turn” de John Urry. O conceito de intermitência de Didi-Huberman terá um papel fulcral na compreensão pela autora dos fenômenos de Mobilidade, que ela explica associando-os ao de intermitência. O livro se situa no campo dos estudos comparados e transculturais, focando nos diferentes modos de representação da mobilidade: os geográficos, os individuais e os do campo do imaginário.

Tentando percorrer o caminho dos teóricos que a precederam nesta área, a autora retrança com exaustividade as principais teorias surgidas nas últimas décadas, aplicando-as a um corpus de escritores contemporâneos de três diferentes espaços culturais: França (J. M. G. Le Clézio, Andreï Makine, Maylise de Kerangal, incluindo a canadense Nancy Huston, residente na França há cerca de 40 anos); Quebec (Catherine Mavrikakis, Kim Thúy, Sergio Kokis, Dany Laferrière e Anaïs Barbeau-Lavalette); e da parte francófona da província de Manitoba (Lise Gaboury-Diallo e Simone Chaput).

O livro é dividido em cinco partes: (1) Mobilidades: iniciação e passagem, fronteiras móveis; (2) Discursos e figurações da Mobilidades em narrativas; escrituras migrantes; deslocamento em direção ao outro; (3) Nomadismos; migrações e exílios; escrituras do exílio como ancoragem; transculturação e pensamento nômade; (4) Travessias: noção de travessia; transgressão, peregrinação; (5) Deambulações: mobilidade e espaço urbano; encontros, subúrbios, mutações. Seguem-se as Conclusões e o Índice Remissivo de autores e conceitos.

Cada uma das cinco partes é seguida da bibliografia completa relativa àquele tema; nas conclusões todos os ficcionistas que foram analisados em cada uma das partes são retomados em perspectiva comparada e transcultural. O índice remissivo (index) é de grande utilidade para os leitores na medida em que é possível retornar aos autores citados nos diferentes capítulos como também aos conceitos-chave.

Com base em Deleuze, a autora discute o tema da “volta/retour” ao lugar de origem (país natal), o qual se revela problemático tanto para o migrante quanto para o nômade: a volta a um lugar preciso através da memória ou da escrita é um processo acabado, enquanto o repensar criativamente a situação de migrante pode corresponder a uma volta inacabada. A autora afirma que o tema inquietante da “volta ao país natal” pode ser tematizado sem cair no dualismo: permanecer/voltar. É

essa também a opinião de ficcionistas como Dany Laferrière, originário do Haiti, e Ying Chen, de origem chinesa, que abordam a questão do retorno como renovação de si. Pierre Ouellet pensa a volta ao país de origem, substituindo o binarismo pela bela expressão: “esprit migrateur” (espírito migrante), que remete a um retorno pela via do imaginário.

O foco central do estudo, contudo, é o conceito de transculturação, transculturalismo/transculturalidade que é valorizado no texto em detrimento de conceitos como multi e interculturalismo, que preveem a possibilidade da síntese. No transculturalismo não há lugar para a síntese, pois a aproximação de dois produtos culturais dá origem a um produto cultural novo. Trata-se, portanto, de um processo inclusivo, de criação de espaços heterogêneos nos quais é possível refletir sobre temas como a discriminação.

A proposta de Adina Balint para a discussão do conceito de transculturação é enriquecida pela utilização do conceito de “intermitência” de Didi-Huberman em seu conhecido livro *La survivance des lucioles (Sobrevivência dos vaga-lumes)*, unindo três pontos importantes para essa reflexão: mobilidade, intermitência e ancoragem. Na intermitência, a luz dos vagalumes desaparece e volta a brilhar: assim como os vaga-lumes, os seres humanos são capazes de (re)criar novos territórios geoculturais e simbólicos e de habitá-los. A autora irá valer-se desse conceito, pois ele permite pensar a descontinuidade em todas as suas formas. Permito-me uma citação sobre o conceito de intermitência: “a intermitência é um modo da subjetividade que dá conta da posição do narrador/narradora e do personagem como sujeito fixo versus sujeito móvel e exprime seu dilaceramento em relação à experiência do espaço” (BALINT, 2020, p. 29, tradução nossa).<sup>1</sup>

No capítulo 3, a autora problematiza a escrita do exílio como desejo de ancoragem (BALINT, 2020, p. 82), apresentando como exemplificação as obras de Dany Laferrière, Le Clézio e Nancy Huston, que mencionam a travessia das fronteiras como a arte de questionar o sentimento de pertença a um território e a uma identidade múltipla. Os escritores mencionados destacam as migrações contemporâneas que dão origem a narrativas de deslocamentos e de encontros frutíferos com a

---

<sup>1</sup> No original: “l’intermittence est un mode de la subjectivité qui rend compte de la position du narrateur/narratrice et du personnage en sujet fixe versus sujet mobile et exprime son déchirement par rapport à l’expérience de l’espace”.

alteridade. Se nessas narrativas migrância e errância são ideologizadas, um verdadeiro desejo de “lançar âncora” também é destacado.

No capítulo 4, sobre Travessias, os conceitos de negociação e de transgressão são debatidos. Travessia, fronteira e intermitência (no sentido de interrupção temporária, descontinuidade) podem constituir-se em modos de negociar um ancoramento. Um dado importante sobre as literaturas francófonas do Quebec e do Manitoba: essas começam a deixar de lado a temática do enraizamento identitário a um território para abrirem-se aos imaginários da mobilidade transcultural e aos encontros cosmopolitas, visando ao que Pierre Ouellet denomina “coexistência sensível”. Partem, portanto, para uma visão glissantiana que prevê a interpenetração cultural e linguística em substituição às obsessões identitárias a um território, apontando para a fragilidade das ancoragens referenciais (regionais, nacionais e transnacionais).

O estudo de autores francófonos de três diferentes corpus (França, Quebec e Manitoba) pode testemunhar o nascimento de “comunalidades transversais [que] são puramente transitórias; elas só surgem da luz projetada através dos livros” (PARÉ, 1994, p. 51, tradução nossa).<sup>2</sup> Ao concluir sua densa reflexão, Balint convida os leitores a repensar os conceitos de intermitência e mobilidade, não como simples modos de sobrevivência, mas como uma maneira de renascer, de se reconectar e de viver em nosso mundo contemporâneo.

## Referências

PARÉ, François. *Théories de la fragilité*. Ottawa: Le Noirdir, 1994. p. 51.

---

<sup>2</sup> No original: “[...] communalités transversales [qui] sont purement transitoires; elles ne surgissent que dans la lumière projetée en travers des livres.”

Recebido em: 28 de dezembro de 2020.

Aprovado em: 6 de abril de 2021.